

## **DIÁRIO DO POSTINHO: DISPOSITIVO DE COMUNICAÇÃO E VISIBILIZAÇÃO DO TRABALHO EM UMA EQUIPE DE SAÚDE DA FAMÍLIA**

Coordenador: ROSEMARIE GARTNER TSCHIEDEL

O trabalho em saúde é desafiador, condizente com o processo de implantação do SUS, cujos obstáculos se apresentam e se transmudam dia a dia e se refletem nas relações que as Equipes de Saúde da Família (ESFs) estabelecem em si, entre si e com as comunidades assistidas. Do mais macropolítico, como um decreto de lei que obscurece ou clarifica os processos laborais cotidianos, ao mais "micro", como os afetos em jogo nas relações entre os membros da equipe ou destes com este ou aquele usuário, são praticamente infinitos os determinantes da situação de uma equipe. Tal faz com que a maneira de funcionar de cada ESF seja bastante singular, embora norteadas pelas diretrizes do Sistema Único, protocolos, prontuários e uma infinidade de instrumentos de controle que não fazem tocar os níveis mais subjetivos do cuidado em saúde. Se a ideia da Estratégia de Saúde da Família é tornar mais próximos cuidador e cidadão, a "objetivização" excessiva do trabalho não contribui para que se leve em conta a integralidade nem daquele que é cuidado ou tampouco daquele que cuida. A rotina de trabalho, ao engessar-se em burocracias e hierarquias, não deixa lugar para que sejam pautadas questões fundamentais da subjetividade do profissional de saúde, gerando sofrimento, alienando-o em relação à finalidade de seu fazer. Toda carga subjetiva, seja negativa (angústias, medos) ou positiva (satisfação, reconhecimento), acaba sendo reprimida e eclodindo de maneiras destrutivas, como desentendimentos na equipe, falta de co-responsabilização ou até o adoecimento individual. É possível dizer que a promoção de saúde na comunidade se dá por exalação: só uma equipe que se comunica bem é capaz de comunicar-se bem com a comunidade; só uma equipe capaz de cuidar de si e de seus processos pode, da mesma maneira, promover saúde à comunidade. Nesse contexto, a partir da inserção de monitores do Programa de Educação pelo Trabalho Para a Saúde (PET-Saúde) - Psicologia/UFRGS numa ESF do distrito docente-assistencial Glória-Cruzeiro-Cristal, averiguou-se ser necessária uma intervenção sutil, tendo como alvo os próprios processos da equipe, antes de qualquer proposição de alguma atividade à comunidade. O trabalho caracteriza-se como uma atividade de extensão, por haver o entendimento de que uma ESF é também parte da comunidade que sustenta a Universidade e, sendo executora e disseminadora de políticas de saúde, acaba por maximizar naturalmente os efeitos de tal intervenção. Para tanto, procurou-se um ponto de

convergência das particularidades dos profissionais da ESF, que pudesse unir a todos da mesma forma e ter efeitos sobre a equipe em sua totalidade. Observou-se que, em algum momento do dia, cada um lia o exemplar diário de um jornal de grande circulação. Tal jornal é de intenção bastante apelativa e intensa, dedicando grande atenção às manchetes policiais. Ficam essas comunidades submetidas a esse tipo de realidade, tendo sua visão estreitada pelas páginas de denúncias, crimes, coação ao tráfico de drogas e devastação de lares. A ideia por nós lançada, então, foi de que "poderíamos criar o nosso próprio jornal"; assim, oferecer-se-ia: 1) um canal de comunicação entre ESF e comunidade, sendo a linguagem utilizada própria da equipe; 2) um trabalho de produção conjunta; 3) um dispositivo material, palpável, de visibilização das práticas da equipe, para um reconhecimento tanto externo (comunidade) como interno (a própria equipe podendo ver-se no desempenho de seu papel). O principal objetivo deste trabalho tem sido o de atuar nesse contexto híbrido, organizacional-comunitário, movimentar os enlaces que sustentam a equipe em um lugar de objeto de políticas públicas precariamente colocadas em prática e de processos de trabalho truncados, burocratizados e alienantes; restituir à equipe seu caráter produtor e ativo, a partir da visibilização daquilo que é imaterialmente produzido na ESF. Dadas as dificuldades de reunir a equipe (e sendo a reunião semanal um espaço muito curto e formal), a ideia foi ventilada através dos monitores: um boca-a-boca, de modo que o jornal se tornasse um assunto e pudesse circular de maneira semelhante a qualquer outro tópico, como a própria situação de saúde de algum usuário. A equipe comprou a ideia e começou a trazer sugestões. Um grande envelope foi colado à parede, próximo ao relógio-ponto, para que contribuições fossem ali colocadas. Nas semanas seguintes, o envelope recheou-se: sugestões para o nome do jornal, assuntos, apresentação do posto, mascotes... Estavam todos, à(s) sua(s) maneira(s), empenhados, com alegria e interesse incomuns, mas também com uma certa incredulidade em que a ideia fosse se concretizar de fato. Esse processo acabou sendo positivo, pois trouxe uma grande expectativa, e as "cobranças" em relação à organização e impressão jornal denunciavam o anseio de ver seu trabalho, até então tão imaterial, estampado das páginas de uma mídia, construída coletivamente e a ser coletivamente apreciada. O fechamento e a definição do formato do jornal foram definidos em uma reunião de equipe, já que, nesse momento, seria importante a presença de todos para os acordos finais. Ficaram definidas edições mensais, impressas em única folha A4, no formato paisagem, frente e verso, totalizando quatro páginas. Assim, fica possível, provável e agradável a leitura do jornal na íntegra. Os assuntos abordados na primeira edição seriam: apresentação da ESF, quadro da rotina semanal da equipe, divulgação do grupo de autocuidado realizado no posto,

informações sobre saúde da mulher e exame CP de colo de útero, entrevista com um profissional da ESF e um passatempo. O profissional foi escolhido pelo monitor, por conveniência e disponibilidade em fazer a entrevista e tirar uma fotografia. O passatempo também foi decidido pelo PET-Saúde/Psicologia, por vê-lo como possibilidade de intervenção mais específica e mais efetiva, pois lúdica: um caça-palavras com os nomes de toda a equipe, de forma que todos ficassem conectados. Também foi nossa sugestão a inclusão de uma seção com depoimentos de usuários. O jornal foi editado em Microsoft PowerPoint 2007 e impresso utilizando papel A4 90g/m<sup>2</sup>. Foram tiradas fotografias utilizando a câmera de um celular. As primeiras cópias foram feitas e levadas à equipe para que finalmente vissem o produto final de sua idealização. Foram sorrisos, pulos, gritos de alegria, gargalhadas de reconhecerem os colegas nas fotografias; todos quiseram cópias. Logo se puseram a brincar com o caça-palavras. Naquele que seria o momento da pausa para o café e leitura daquele jornal convencional "cheio de sangue", estavam todos os agentes comunitários em torno da mesma mesa, brincando de se ver no jornal, pensando no outro ao procurar o seu nome no caça-palavras, lembrando dos momentos registrados nas fotografias... e já pensando na próxima edição e em tudo que queriam fazer caber naquelas pequenas quatro páginas. Acabamos de imprimir a primeira edição do "Diário do Postinho", assim batizado pela equipe. Ainda não sabemos o quanto mais esse singelo projeto irá mobilizar na equipe e na comunidade. Os resultados específicos talvez sejam imprevisíveis e até imensuráveis; talvez seja difícil estabelecer qualquernexo causal entre esse pedaço de papel e o sorriso de uma agente comunitária que, havia meses, não mostrava os dentes, mas acreditamos que, sutilmente, seja possível fazer florescer potencialidades e resgatar o sentimento de ser um poderoso promotor de saúde.